

# A VARIAÇÃO DE VOGAIS MÉDIAS POSTÔNICAS NÃO FINAIS NO RIO DE JANEIRO EM COMPARAÇÃO DIACRÔNICA COM O PORTUGUÊS EUROPEU

Alessandra de Paula (UFRJ/CAPES/CNPq)  
anelassard@gmail.com

## Introdução

Este trabalho, que segue os preceitos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, investiga o vocalismo postônico não final de proparoxítonas, na fala culta e na fala popular do Estado do Rio de Janeiro, em comparação com o português europeu. Este contexto de tonicidade, próprio dos vocábulos proparoxítonos, envolve um processo de alteamento que atinge as vogais médias com graus diferentes de produtividade no português do Brasil: a vogal posterior /o/ é mais sensível à redução para [u] – *ép/o/ca*, sendo praticamente categórico o seu alteamento, enquanto a vogal anterior têm resistido a concretizar-se como [i] – *núm/e/ro* (para o RJ, cf. DE PAULA, 2010; para região Sul, cf. Vieira, 1994). Tal variação tem sido objeto de discussão no que se refere à constituição fonológica do vocalismo postônico não final brasileiro – desde Câmara Jr. (1970) até Bisol (2003, 2010) – e sobre o tema convém discutir se a vogal média /e/ tende ao alteamento e a neutralizar-se com a alta ou se sua manutenção é estável nas diferentes regiões do Brasil.

A observação diacrônica do sistema vocálico do português europeu – atestada em Marquilhas (1996, 2003a, 2003b), Teyssier (1982), entre outros – pode contribuir para o estudo do processo de mudança que atualmente se verifica no português brasileiro. O comportamento das vogais átonas do português europeu contemporâneo é similar em todas as sílabas átonas (Mateus & Andrade, 2000), como consequência de um processo de redução vocálica que vem sendo observado desde antes do período colonial e que, após a implantação do português no Brasil, seguiu diferentes caminhos nas duas variedades. Dessa forma, compará-las na sincronia atual pode contribuir para compreender os fenômenos variáveis ainda atestados nas vogais do português brasileiro que já foram estabilizados no português europeu.

Em suma, tal investigação pode ajudar a esclarecer se existem tendências para que todos os quadros átonos se estabilizem no Brasil, a exemplo do que ocorreu em Portugal (em que há regularidade na produção de pretônicas e postônicas finais e não finais em [i, i, a, u]) ou se a variação entre médias e altas, especialmente na posição postônica não final, pode persistir por ainda muito tempo na variedade brasileira. Por isso, neste trabalho, pretende-se dar um passo nesse sentido, buscando compreender um pouco melhor os fenômenos sofridos pelas vogais átonas portuguesas após a implementação do português no Brasil até os dias de hoje.

Na etapa da pesquisa aqui apresentada, considera-se e descreve-se uma amostra do português europeu que será posteriormente ampliada e confrontada com dados do português brasileiro, já analisados por De Paula (2010). Além disso, investigam-se, em trabalhos de cunho diacrônico, indícios de estágios anteriores do vocalismo do português europeu, nos quais seja possível vislumbrar a variação entre vogais médias e altas postônicas não finais portuguesas e a fase final de implementação da mudança que tal variedade sofreu.

## 1. Sobre o vocalismo átono do português europeu entre os séculos XVII e XX

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que a investigação do vocalismo átono do português europeu (doravante PE) demonstrou que as vogais postônicas não finais não podem ser tratadas isoladamente das outras posições átonas, já que, como foi dito, o vocalismo átono dessa variedade atualmente apresenta muitas características similares em todas as posições, sejam elas pretônicas ou postônicas. Por isso, será aqui considerada uma bibliografia de apoio que aborda, simultaneamente, todas as posições átonas. Sem fazer afirmações categóricas e simplistas sobre o

vocalismo do PE contemporâneo – principalmente porque são raros os trabalhos que se propuseram a investigar a variação nas diferentes posições átonas – é possível atestar, por outro lado, com a observação de diversos trabalhos descritivos sobre o tema, uma grande similaridade no tratamento dado às vogais átonas, principalmente nas duas posições postônicas. A sílaba postônica não final, foco desta investigação, raramente recebe dos autores comentários diferenciados dos da postônica final. Mesmo quando citadas, não são apontadas características específicas dessa posição. Em alguns trabalhos, o quadro vocálico não final é atestado apenas com exemplos que congregam, no mesmo rol, proparoxítonas e paroxítonas.

Retomando em linhas gerais as diferenças entre as duas variedades, o português brasileiro (doravante PB) apresenta ainda expressiva variação na realização das vogais médias /ɛ, e, ɔ, o/ em determinadas posições átonas, enquanto no atual estágio do PE está estabilizado o alteamento dessas vogais em [i] e [u] (com raríssimos casos de manutenção das médias, o que se concentra principalmente no contexto pretônico), ao lado de produtivo processo de apagamento. Quanto às vogais postônicas não finais, o alteamento de /o/ nessa posição ocorreu no português já no XVI, conforme defende Naro (1973), mas, paralelamente, a resistência de /e/ é observável até hoje no Brasil (pelo menos no nível fonético, em percentuais relevantes de realização de [e]), enquanto em Portugal a realização como [i] suplantou a vogal média anterior quase categoricamente.

Um dos grandes desafios da investigação dessa mudança é a falta de fontes posteriores ao século XVI e anteriores ao século XIX que ajudem a delimitar historicamente quando se iniciou e quando se concluiu a implementação total do alteamento e da posteriorização de /e/ para [i] em Portugal. Se a imprecisão histórica da regularização da redução das vogais átonas no PE é uma dificuldade para quem se dedica ao estudo do vocalismo do português, a incógnita é ainda maior quando se trata da posição postônica não final e da observação de vocábulos proparoxítonos.

Marquilhas (2003b), que tem se dedicado ao estudo de fenômenos do português em fontes produzidas por mãos inábeis especialmente no período citado, destaca que “está generalizada a convicção de que o caso brasileiro continua uma fonologia que era a portuguesa quinhentista, até porque os crioulos africanos de base portuguesa vêm arrumar-se ao lado do português do Brasil na manifestação do fenômeno da harmonização vocálica e na insubmissão à regra geral da redução” (p. 1-2). Obviamente, a autora está atenta aos progressivos processos de redução que o PB tem sofrido desde a colonização, mas constata o fato de que ainda hoje é possível encontrar no Brasil variantes conservadoras do vocalismo quinhentista.

Sobre o PE, Marquilhas aborda o processo de alteamento que atinge as sílabas pretônicas do PE sem negligenciar os demais contextos átonos, que passam pelo mesmo processo nessa variedade da língua. Ela sublinha e defende quatro fatores fundamentais para a compreensão das mudanças sofridas pelo vocalismo pretônico, os quais também ajudam a compreender os contextos postônicos: (i) o português antigo já apresentava variação na realização das médias pretônicas porque algumas médias podiam se harmonizar com o timbre alto da vogal seguinte; (ii) a redução geral do vocalismo postônico só pôde ser reconhecida com certeza “já está bem andado o século XVIII” (p. 2); (iii) “uma redução que hoje se apresenta sistematicamente integrada na do vocalismo pretônico do português europeu é a das vogais átonas finais (e postônicas, no caso das formas proparoxítonas)” (p. 2-3); e (iv) é relevante o número de vocábulos do PE atual em que as vogais pretônicas não se submetem à regra de redução.

Marquilhas defende que a simplificação do vocalismo nas sílabas átonas, inclusive na não final, é o resultado de uma mudança analógica que teve como estopim o alteamento nas sílabas átonas finais – fenômeno que já ocorria em época medieval. Para Marquilhas, a manutenção de vogais médias pretônicas em neologismos no PE, é indício dessa hipótese, pois esta mudança, segundo a autora, acontece termo a termo, e é lenta e gradual, a ponto de ainda não alcançar hoje vocábulos novos inseridos no PE: *t[ɛ]/[ɛ]móvel*, a contrapartida de *t[i]/[i]visão* e *t[i]/[i]fone*, que já passaram por ele. Tal argumento, entretanto, não é irrefutável, visto que a maioria desses casos envolve formações compostas por mais de um radical. De qualquer forma, através da conjugação dos fatos apresentados, Marquilhas defende que a regularização da redução das átonas no PE ocorreu através

de mudança analógica, conforme já defendeu Kiparsky (1995), num processo em que a harmonização de vogais pretônicas – que, como dito, era atestado já no português quinhentista – por analogia foi reanalisado como o processo de elevação próprio das átonas finais e expandido para os outros contextos átonos, entre eles o postônico não final.

A autora defende que, nos séculos XV e XVI, muitas palavras passaram a apresentar vogais médias alteadas, fazendo com que coincidissem, então, termos em que o /i/ pretônico já era subjacente, por motivos diversos, com termos que sofriam harmonização vocálica. Essa realização inovadora das vogais médias pretônicas, frequentemente com o traço alto, sincronizou-se articulatoriamente com a realização alta já consagrada das átonas finais. Marquilhas defende que ambos os fenômenos, embora tivessem características diversas, foram associados pelos falantes do PE ao traço prosódico que as duas sílabas têm em comum: a atonicidade; e as diferentes motivações que o alteamento teve foram neutralizadas na língua. Nas palavras da autora: “por reanálise do contexto átono final e do pretônico como contextos prosódicos simplesmente não acentuados, com vogais de duração inerentemente breve, puderam simplificar-se as regras que lhes aplicavam processos de elevação” (p. 5). Por fim, conclui a autora que a regra de alteamento, previsível no contexto átono final, foi se estendendo de forma casuística a todas as outras posições não acentuadas: “O fenômeno ter-se-á então generalizado a todas as inacentuadas, mesmo as postônicas, mas ao ritmo lento e à escala descontínua da analogia” (p. 5). Com o termo *postônicas*, a autora refere-se mais uma vez às sílabas postônicas não finais.

Os motivos que principiaram a posteriorização do /e/ átono são obviamente ainda mais obscuros que a sua datação. Marquilhas (2003a), entretanto, sugere que um processo de dissimilação datado em documentos dos séculos XV e XVI (*relegiosa, relegioso, relegiosos, relegioso, rellegiosas*) pode ter relação com o surgimento do schwa. Ela afirma: “Estou aqui a assumir que esta dissimilação se deu apenas no sentido velar, ganhando a vogal dissimilada o traço [+rec]; terá havido, portanto, a aplicação de uma regra responsável pela realização de schwa” (p. 5). Segundo ela, paralelamente ao alteamento total das médias pretônicas, a dissimilação pôde continuar agindo porque ocorre através de posteriorização e não de alteamento.

Ainda quanto à posteriorização para [i], Marquilhas (1996) lembra que o schwa é um som que não tem um correspondente gráfico especial e defende que a dificuldade de se identificar na escrita a mudança /ε, e/ > [i] (ao mesmo tempo em que existe uma tradução alfabética <u> para o alteamento /ɔ, o/ > [u]) tenha levado os investigadores, especialmente Teyssier (1982), a concluir que o vocalismo anterior tenha se alteado mais tardiamente que o posterior. Assim, este autor aponta datas diferentes para o alteamento de /e/ e /o/ pretônicos: século XVII para /o/ e final do século XVIII para /e/.

Marquilhas (1996; 2003b) questiona e rebate a proposta de Teyssier argumentando com dados produzidos por *mãos inábeis* que indicam a redução e o possível apagamento de /e/ já no século XVII. Isso anteciparia para um século antes a atestação do processo de alteamento das pretônicas e postônicas. Os dados mostram a epêntese/paragoge da vogal *e* próxima a *-r* em todas as posições átonas: *esteragado, outera, tangere* (*estragado, outra, tanger*). Tais erros, como aponta a autora, podem indicar a produtividade de uma correspondência vazia ou de um schwa nesses contextos e ambos os casos são sinais de que o vocalismo anterior já sofria alteamento e queda.

Viana (1892), ao exemplificar um contexto tônico, cita as proparoxítonas *célere, cérebro, Cérbere*, as duas últimas transcritas foneticamente: “*sérebrɔ, sérberɔ* (p. 71). Também comenta a flexão *singular > plural* em *cadávèr > cadáveres* (p. 72) e *abdómèn > abdómenes* (p. 73). Para a vogal posterior, há apenas um exemplo eventual como os anteriores, *cómmɔdɔ*, e nenhum comentário específico<sup>1</sup>. Assim, a sílaba postônica não final não mereceu comentário específico de Gonçalves Viana, mas o seu testemunho, através dessas transcrições, contribui ao apontar variantes não altas para essa posição: [ɛ, ɔ, ɔ̃]. Em outros contextos átonos, Viana defende realizações como [i] e [u] para as vogais *e* e *o*, o que demonstra que o autor atentou para um timbre perceptivelmente mais

---

<sup>1</sup> Viana, [ɛ, ɔ] representam vogais médias fechadas e o diacrítico em [ɔ̃], *enfraquecimento/redução* (1892:20).

aberto na posição postônica não final. Embora alguns dos exemplos sejam de sílabas postônicas não finais que derivaram de outras travadas por /R/ ou /N/ (*cadáver, júnior*), outros vocábulos (*cérebro, cômodo*) sugerem que as médias, mesmo se não fossem a realização comum de /e/ e /o/ postônico não final em fins do século XVIII, ao menos ainda variavam com as vogais altas a ponto de serem escolhidas para a descrição do autor.

Embora o período histórico em foco nessa seção não seja claro quanto à variação vocálica do PE, existem indícios de que as variantes inovadoras [i, u] e mesmo o apagamento já eram produtivos em todos os contextos átonos desde o século XVII, segundo as pesquisas de Marquilhas. Por outro lado, o marco indubitável do alteamento regular das pretônicas /e, o/ seria o final do século XVIII, no testemunho de Teyssier. Os dados sugerem que a regularização das átonas aconteceu paralelamente nas sílabas pretônicas e postônicas não finais, mas essa hipótese dificilmente será esclarecida por conta da escassez de registros de proparoxítonas nas fontes disponíveis. Entretanto, como vimos no testemunho de Gonçalves Viana para o final do século XIX, nesse período ainda coexistiam variantes médias na posição átona que aqui se investiga, assim como em muitos contextos pretônicos. Por mais que não sejam inquestionáveis, os indícios apontam que a regularização do vocalismo átono português com a redução das médias a [i, u] ocorreu muito recentemente.

## 2. Sobre o vocalismo átono do português europeu contemporâneo

Como já foi dito, é consensual, nas descrições do sistema fonológico do PE contemporâneo, que o vocalismo átono dessa variedade apresenta grande regularidade fonética nas posições não acentuadas, com realização geral de quatro segmentos átonos – [i, i, e, u] – em qualquer posição, diferentemente do que ocorre no PB. Tal descrição está claramente exposta em Mateus & Andrade (2000), mas também pode ser encontrada em outros trabalhos que, eventualmente, especificam a sílaba postônica não final, focalizada nesta pesquisa.

Emiliano (2009) apresenta uma proposta de transcrição fonética para o português europeu *standard*, com base na pronúncia culta de Lisboa, apresentando quatro segmentos átonos, [i, i, e, u], sem diferenciar os contextos átonos. Entretanto, ele exemplifica as vogais na posição postônica não final: <i>: *tráfico* ['trafikʊ] (p. 196); <e>: *cárcere* ['karsiri], *célere* ['sełiri], *tráfego* ['trafigʊ] (p. 198); <a>: *ábaco* ['abəku], *álamo* ['ałəmu] (p. 200); <o>: monótono [mu'notunu] (p. 201); <u>: *lúgubre* ['lugubri] (p. 202); demonstrando assim que sua proposta também se estende para esse contexto específico.

Ploae-Hanganu (1981) discute aspectos fonéticos do vocalismo português. A autora debruça-se brevemente sobre a sílaba postônica não final e prevê quatro vogais para essa posição, tanto no PE quanto no PB: “Em posição átona não final, mas depois de acento o número das vogais torna-se mais pequeno tanto no Brasil como no português europeu. Elas são quatro: [i, e (ə - para o português de Portugal), α, u]”<sup>2</sup> (p. 56). A diferença apontada entre o quadro das duas variedades, mais uma vez, é a realização de [e] no Brasil e de [ə] em Portugal. Ploae-Hanganu exemplifica com: [α]: *sábado* ['sabadu], *lâmpada* ['lãpada], *plátano* ['platanu]; [ə]: *número* ['numəru]; [i]: *pálido* ['palidu]; [u]: *pérola* ['perula].

Embora seja consensual entre os autores a regularidade fonética do vocalismo átono do PE com quatro segmentos fonéticos (ao lado de algumas exceções em contextos fonéticos específicos), conforme se apresentou aqui, a unanimidade não se reflete na estrutura subjacente da língua e a atual configuração das oposições fonológicas do PE tem sido alvo de diversas discussões teóricas, algumas das quais serão apresentadas na seção 4, pois o valor fonológico de [i] é de difícil observação e definição.

---

<sup>2</sup> O símbolo em muitos trabalhos sobre o PE, representa a vogal [i]. Já [α] representa a central não baixa [e].

### 3. Amostra de vogais médias postônicas não finais do português europeu contemporâneo

Ainda que os trabalhos apresentados na seção anterior sejam unânimes quanto à realização dos contextos átonos no PE, não existe uma amostra controlada específica que evidencie a realização das vogais médias postônicas não finais nessa variedade para que se possam constatar as descrições fonéticas encontradas na literatura. No mesmo sentido, um levantamento de dados que tenha essa finalidade provavelmente testificará o comportamento regular das vogais átonas, como se espera nessa variedade, mas dificilmente permitirá uma análise variacionista dos casos em que os segmentos sejam efetivamente realizados. Ao contrário, provavelmente será um *corpus* que permitirá ratificar a realização das vogais reduzidas frente a seu apagamento.

A escassez de amostras é reflexo também da fragilidade dos *corpora* levantados no âmbito do PE até os anos 2000. Devido à pouca tradição de pesquisas variacionistas em Portugal até esse momento, são restritas as amostras de dados disponíveis (a maioria foi constituída para trabalhos individuais) e os que existem não cumprem estritamente os critérios metodológicos da sociolinguística variacionista. A partir de 2008, entretanto, o Projeto Concordância, que reúne dados de variedades portuguesas, brasileiras e africanas, foi realizado tendo como um de seus objetivos preencher tal lacuna nos estudos linguísticos do PE, através da organização de um banco de dados constituído rigorosamente segundo os critérios sociolinguísticos variacionistas.

#### 3.1. Métodos para a recolha de dados

Para a etapa da pesquisa aqui apresentada, além de 17 entrevistas do *corpus* Português Fundamental, levantadas na década de 70, consideram-se 14 entrevistas do Projeto Concordância, levantadas nos anos 2000. Estes dados serão posteriormente ampliados e comparados a entrevistas do Estado do Rio de Janeiro, dos *corpora* PEUL e NURC-RJ, recolhidas nas décadas de 70 e 80, e a entrevistas do Projeto Concordância, levantadas nos anos 2000.

Buscou-se aqui considerar uma amostra do PE comparável a que foi anteriormente levantada para o estudo do PB, mas, como dito, isso não será plenamente possível porque os *corpora* anteriores a 2008 não são tão completos quanto seria necessário. De qualquer forma, acredita-se que a recolha realizada será suficiente para cumprir o objetivo de atestar as principais características das vogais médias postônicas não finais no PE: o alteamento categórico de /e, o/ em concorrência com o seu apagamento.

O *corpus* Português Fundamental teve início em 1970 com o objetivo de levantar dados do vocabulário português corrente em situações cotidianas. Essa amostra apresenta dados de diversas cidades portuguesas, dentre as quais escolheu-se apenas Lisboa para o levantamento aqui realizado, de forma a serem mais comparáveis aos dados do PEUL e aos do NURC-RJ, recolhidos na capital fluminense nas décadas de 70 e início de 80.

A amostra de Lisboa do Português Fundamental conta com 35 entrevistas do tipo DID de aproximadamente 04 minutos cada uma. Elas foram produzidas por homens e mulheres de três faixas etárias e quatro níveis de escolaridade, do primário ao ensino superior, mas a distribuição dos informantes não é regular na células sociais, de maneira que muitas delas não são preenchidas. Além disso, por conta da brevidade das gravações, infelizmente, das 35 entrevistas, apenas 17, menos da metade, apresentaram proparoxítonas com /e/ ou /o/ postônico não final, o que compromete ainda mais a representatividade social dos dados levantados. Restaram, então, 07 informantes do sexo feminino e 10 do sexo masculino, dentre os quais 13 estudaram até o ensino médio e 04 têm ensino superior completo. O controle da faixa etária não será completo, visto que faltam informantes homens da faixa 03.

Com relação ao *corpus* Concordância, resta dizer que o levantamento referente a Portugal é composto por gravações da área de Oeiras e de Cacém, que pertencem à região Metropolitana de Lisboa, além de entrevistas relativas a Funchal, na Ilha da Madeira. Destas, para esta etapa, serão consideradas apenas 18 das primeiras, de Oeiras/Lisboa, que poderão ser comparadas posteriormente

às entrevistas do Rio de Janeiro de mesma datação, levantadas no bairro de Copacabana. Elas foram controladas regularmente segundo a faixa etária, o gênero e a escolaridade dos entrevistados, mas, por outro lado, assim como verificado no *corpus* Português Fundamental, a falta de dados em várias delas não permite uma visão equilibrada das variáveis sociais. Assim, as 18 entrevistas abarcam informantes de ambos os sexos, três faixas etárias e três níveis de escolaridade, mas algumas células não estão representadas, especialmente na faixa 3 (mais de 56 anos) como consequência do pequeno número de dados encontrados nas entrevistas, que têm duração média de 30 minutos.

### 3.2. Apresentação dos dados

Os dados levantados totalizam 53 ocorrências de proparoxítonas com vogal média postônica não final. Tal quantidade de dados não permite que se tenha uma visão significativa das variáveis sociais, mas será suficiente para vislumbrar o comportamento regular do PE quanto à realização das vogais estudadas.

<i>Corpus</i>	Vogal /e/	Vogal /o/
<b>Português Fundamental – Lisboa</b>	24	06
	<b>Total: 30</b>	
<b>Concordância – Oeiras</b>	13	10
	<b>Total: 23</b>	
<b>Total Geral</b>	<b>53</b>	

**Tabela 1.** Distribuição das 53 ocorrências de proparoxítonas com vogal média postônica não final por *corpus*.

Quanto à variação lexical nas entrevistas, foram encontrados 08 vocábulos com /o/ e 09 com /e/: *abóbora* (02 ocorrências), *árvore/lárvores* (02), *catálogo* (01), *época* (06), *ídolos* (01), *método/métodos* (02), *psicólogo* (01) e *semáforo* (01), com <o>; *abrissemos* (01), *acabássemos* (01), *estivéssemos* (01), *fenômeno* (01), *gênero/gêneros* (08), *hipótese* (06), *número/números* (15), *síntese* (01) e *véspera* (03) com <e>.

#### 3.2.1. *Corpus* Português Fundamental

Nas 17 entrevistas do *corpus* Português Fundamental referentes a Lisboa que apresentaram vogal média em posição postônica não final, foram encontrados 30 dados, sendo 24 ocorrências de <e> e 06 ocorrências de <o>.

Como esperado, os dados demonstram a extrema redução das vogais médias na sílaba postônica não final das proparoxítonas. No âmbito das duas vogais, as realizações foram extremamente débeis e muitas vezes apagadas. Além disso, os percentuais foram semelhantes para ambas as vogais: média de 65% de realização de uma vogal alta, contra uma média de 35% de cancelamento.

Embora a realização da vogal anterior como [i] já esteja consagrada na literatura, rotulou-se como *alteamento* a redução da vogal /e/ visto que em 07 das 15 ocorrências de realização da vogal alta, a posteriorização não foi perceptível ao ouvido do investigador. Entre as realizações não posteriorizadas, incluem-se os casos de maior fechamento e brevidade da vogal: [ɪ] e [ɪ̟]. São casos em que resta apenas um vestígio da vogal na palavra e não uma realização plena. Embora a realização como vogal anterior não esteja prevista na literatura, essa possibilidade não foge à natureza das vogais postônicas portuguesas, visto que muitos investigadores, entre os quais Veloso (2005), defendem ser

o schwa uma vogal de extrema debilidade e com ponto de articulação não especificado. Mateus & Andrade (2000) também registram a variação entre [i] e [ɨ] na realização fonética da vogal anterior em contextos átonos no PE: “they alternate frequently in European Portuguese (e. g. *pequeno* [pikénu]/[pikénu] ‘small’, *ministro* [miníʃtu]/[miníʃtu] ‘minister’ ” (2000:33). De qualquer forma, não se exclui a possibilidade de o investigador, como falante brasileiro, não ter sido sensível à posteriorização da vogal anterior nas variantes mais reduzidas. Veja-se, na Tabela 2, os percentuais gerais para a realização ou o apagamento das vogais <e> e <o> postônicas não finais:

Português Fundamental – Lisboa				
	Alteamento	Manutenção	Cancelamento	Total
<b>Vogal /e/</b>	15 62,5%	0 0%	09 37,5%	24 100%
<b>Exemplo</b>	[fi'nõminu]	-	[i'põts]	
<b>Vogal /o/</b>	04 66,7%	0 0%	02 33,3%	06 100%
<b>Exemplo</b>	[¹metudu]	-	[ka'tal]	

**Tabela 2.** Percentuais gerais para a realização e para o apagamento das vogais <e> e <o> postônicas não finais no *corpus* Português Fundamental – Lisboa.

No âmbito da vogal anterior, dos 24 casos levantados, 15 referem-se à realização de uma vogal alta (62,5% dos dados) e 09 (32,5%) referem-se ao apagamento da vogal. Quanto à posterior, dos 06 casos levantados, 04 (66,7%) foram de realização da vogal alta e 02 casos (33,3%) de apagamento. Os dados estão distribuídos por célula na Tabela 3:

	MULHER						HOMEM					
	F1		F2		F3		F1		F2		F3	
<b>VOGAL /e/</b>	Alt	Canc	Alt	Canc	Alt	Canc	Alt	Canc	Alt	Canc	Alt	Canc
<b>Primário</b>							1	2				
<b>Fundamental</b>			1	1				2	1			
<b>Médio</b>	1	1		1			2	1	3			
<b>Superior</b>			2	1	2		1		1			
<b>TOTAL</b>	24											
<b>VOGAL /o/</b>	Alt	Canc	Alt	Canc	Alt	Canc	Alt	Canc	Alt	Canc	Alt	Canc
<b>Primário</b>												
<b>Fundamental</b>									1			
<b>Médio</b>					2			1	1			
<b>Superior</b>							1					
<b>TOTAL</b>	6											
F1 = Faixa etária 1 F2 = Faixa etária 2 F3 = Faixa etária 3												

**Tabela 3.** Dados gerais das vogais <e> e <o> postônica não final no *corpus* Português Fundamental – Lisboa.

A tabela acima permitem observar a distribuição dos dados dentre as variáveis sociais *escolaridade*, *sexo* e *faixa etária* e nelas fica clara a já comentada fragilidade da representatividade social da amostra, tendo em vista a expressiva quantidade de células não preenchidas, seja por inexistência de entrevistas seja por falta de dados no breve discurso dos falantes. Isso impossibilita analisar a influência de fatores sociais na concretização ou apagamento dessas vogais mas, por outro lado, não impede que se constate a redução evidente e generalizada dos fonemas estudados.

É similar comportamento da vogal anterior /e/ e da posterior /o/ entre todos os falantes controlados na década de 70, com percentuais semelhantes de apagamento e de redução da vogal postônica não final para [i] (ou [ɨ]).

### 3.2.2. *Corpus* Concordância

Nas 18 entrevistas do *corpus* Concordância, referentes aos anos 2000, observa-se também a redução das vogais postônicas não finais com tendência ao seu cancelamento (Tabela 4) na região de Lisboa (Oeiras). Os percentuais de cancelamento são significativamente maiores nessa década, apontando uma produtividade maior do apagamento das médias postônicas não finais:

Concordância – Oeiras				
	Alteamento	Manutenção	Cancelamento	Total
<b>Vogal /e/</b>	02 ----- 15,4%	0 ----- 0%	11 ----- 84,6%	13 ----- 100%
<b>Exemplo</b>	['nũmiru]	-	['nũ <sup>m</sup> ru]	
<b>Vogal /o/</b>	04 ----- 40%	0 ----- 0%	06 ----- 60%	10 ----- 100%
<b>Exemplo</b>	['idulu]	-	[si <sup>1</sup> mafru]	

**Tabela 4.** Percentuais gerais para a produção *versus* o apagamento das vogais <e> e <o> postônicas não finais no *corpus* Concordância – Oeiras.

O cancelamento das postônicas médias não finais é, nesse *corpus*, o processo mais produtivo para os falantes portugueses, os quais frequentemente também apagam fonemas adjacentes a elas nas sílabas postônicas das proparoxítonas (para mais discussões a respeito desse fenômeno no *corpus* em questão, cf. GOMES, 2012). Na comparação da década de 70 com os anos 2000, evidencia-se que as vogais estudadas não só permanecem reduzidas como têm sofrido um franco desaparecimento nesse contexto. Os percentuais de queda passaram de 37,5% para 84,6%, no âmbito de /e/, e de 33,3% para 60%, no âmbito de /o/ e indicam uma queda ainda mais expressiva da vogal anterior.

Obviamente, os resultados não podem ser generalizados para a variedade do PE como um todo, visto o pequeno número de dados levantados, mas são representativos no *corpus* investigado. Como vê-se na Tabela 5, da mesma forma que no *corpus* Português Fundamental, muitos segmentos sociais não estão presentes nos dados:

	MULHER						HOMEM					
	F1		F2		F3		F1		F2		F3	
<b>VOGAL /e/</b>	Alt	Canc	Alt	Canc	Alt	Canc	Alt	Canc	Alt	Canc	Alt	Canc
<b>Primário</b>												
<b>Fundamental</b>						2						
<b>Médio</b>		2	1	1								
<b>Superior</b>		1	1	3				2				
<b>TOTAL</b>	13											
<b>VOGAL /o/</b>	Alt	Canc	Alt	Canc	Alt	Canc	Alt	Canc	Alt	Canc	Alt	Canc
<b>Primário</b>	1											
<b>Fundamental</b>				1		1						
<b>Médio</b>	1	1										
<b>Superior</b>			2	1				2				
<b>TOTAL</b>	10											
<b>F1 = Faixa etária 1 F2 = Faixa etária 2 F3 = Faixa etária 3</b>												

**Tabela 5.** Dados gerais das vogais <e> e <o> postônicas não finais no *corpus* Concordância – Oeiras.

A tabela acima esclarece que os dados se concentram entre falantes do sexo feminino. Considerando-se que a literatura sociolinguística atesta frequentemente as mulheres encabeçando processos de mudança, não se podem considerar indiscriminadamente os percentuais expressivos de cancelamento da vogal (embora as 04 ocorrências entre os falantes masculinos tenham sido de cancelamento).

No mais, considera-se também aqui o que foi dito para os dados de 1970: se por um lado o *corpus* não permite vislumbrar a atuação de fatores sociais na concretização ou apagamento dessas vogais, por outro, ele é representativo quanto à redução e o apagamento das vogais /e/ e /o/ postônicas não finais.

#### 4. Reflexões sobre o vocalismo átono do português contemporâneo: o português brasileiro em comparação com o português europeu

Entres os autores que se propõem a refletir sobre o vocalismo do PE, não existe consenso quanto aos elementos que constituem o inventário subjacente das vogais átonas, especialmente no que tange à interpretação do fone [i] e seu estatuto fonológico. Como visto nos trabalhos diacrônicos, esse elemento é o que mais recentemente passou a integrar o vocalismo do PE e, da mesma forma que não é possível determinar com exatidão cronológica o seu surgimento, a natureza das suas oposições tem sido observada com atenção porque tais oposições são complexas e nem sempre são atestadas com pares opositivos. Dessa forma, ainda não é consensual a compreensão de como esse fone integra o quadro de vogais átonas: se é um alofone contextual de /e, ε/ nas sílabas átonas, como defendem alguns, ou, segundo outra interpretação, se já apresenta o *status* de um fonema específico dessas posições.

O trabalho de Mateus & Andrade (2000) descreve o vocalismo átono do PE contemporâneo com base na Geometria de Traços. Para os autores, a qualidade das vogais do PE depende plenamente do acento da palavra – influência que, segundo eles, ocorre com menor intensidade no PB (p. 19) – por isso haveria menos redução e mais variedade no Brasil.

Os autores demonstram teoricamente a relação entre o acento e o quadro de vogais explicando que a atribuição de traços ocorre em níveis diferentes do léxico. Os processos de neutralização próprios dos contextos átonos não estão presentes na representação subjacente, onde o acento ainda não foi atribuído e alguns traços são especificados apenas na realização fonética. Ou seja, segundo eles, pelo menos algumas das vogais próprias das sílabas átonas não estariam na estrutura profunda, definindo oposições no sistema fonológico. É o caso dos sons [i] e [ɐ], que seriam, então, apenas alofones contextuais.

Eles demonstram que o vocalismo átono apresenta dois graus de abertura, com três vogais altas – [i, í, u] – e uma vogal média – [ɐ] (p. 20). Em suma, a interpretação é de que os segmentos [ɛ, e] tônicos (“selo”: [sél̃u]; “selo”: [sél̃u]) correspondem foneticamente a [i] nas posições átonas, muitas vezes apagado na fala coloquial (“selar”: [silár] ~ [slár]); e [ɔ, o] (“forço”: [fórsu]; “forço: [fórsu]) correspondem a [u] (“forçar”: [fursár]).

Mateus *et alii* (1991) defendem a hipótese de que exista apenas um sistema de vogais fonológicas no PE, aquele vislumbrado na sílaba tônica, que varia foneticamente, a depender do acento da sílaba. Diferentemente, as descrições fonológicas do PB, geralmente baseadas em Câmara Jr. (1970), costumam propor, teoricamente, a existência de quadros vocálicos fonológicos diferenciados em cada posição átona, como resultados de processos de neutralização das vogais tônicas que têm níveis diversos em cada posição: cinco vogais pretônicas (/i E a O u/), quatro vogais postônicas não finais (i E a U) e três vogais postônicas finais (i a u). A respeito das distinções entre o PB e o PE, os autores resumem a discussão defendendo a existência de um nível subjacente comum a todas as variedades da língua e diferentes blocos de regras, que as distinguem no nível superficial.

Veloso (2005; e outros), discute as propostas de Mateus *et alii* (1991) e Mateus & Andrade (2000), argumentando a favor de que [i] pertence ao inventário fonológico do PE. O autor não refuta completamente as propostas anteriores, mas apresenta contextos não previstos nessas descrições, defendendo que [i] é um elemento que integra o sistema do português, ao mesmo tempo em que é um alofone contextual em alguns casos.

Veloso concorda com Mateus & Andrade ao afirmar que são inquestionáveis os pares de palavras que, partilhando a mesma raiz, apresentam um fonema em posição tônica que, em posição átona, se realiza foneticamente de maneiras diversas. São casos exemplificados pelo autor como: *c/εlgo > c[i]gueira; m/eldo > m[i]droso; am/ε/mos/ am/ε/is > am[i], am[i]s* que demonstram que os fonemas /e/ e /ε/ são realizados foneticamente [e] e [ε], quando tônicos, e [i], quando átonos.

Entretanto, o autor chama a atenção para vários casos nos quais essa comparação morfofonológica é impossível e, assim, não permitem associar [i] aos fonemas /e/ e /ε/. São as formas clíticas átonas, como *que, de, te, se, lhe*, e os nomes com tema em [i] átono, *pent[i]*. Ele admite a possibilidade de [i] ser associado a /e/ e /ε/ também nesses casos, com a realização alta e centralizada das vogais anteriores em sílaba átona, à semelhança de tantos outros casos. Entretanto, para Veloso, essa conjectura não tem o respaldo de palavras morfológicamente aparentadas que permitam a comparação citada acima e a confirmação da hipótese de [i] ser apenas um alofone contextual átono.

Veloso propõe, então, a existência de um /i/ fonológico que corresponderia ao [i] encontrado nos casos das formas clíticas e dos nomes em [i]. Para ele, “a aceitação desse item do inventário fonológico teórico do PEC [português europeu continental] forneceria uma maior adequação explicativa às descrições fonológicas do português no tocante à representação lexical das palavras em apreço” (2005:628).

O autor elenca outros argumentos para a defesa de que o segmento pertence à estrutura subjacente. Em primeiro lugar, ele é exigido pela estrutura da sílaba, às custas de sua boa formação fonotática, como no caso dos monossílabos: *de* [di], por exemplo. Em segundo lugar, esse fone estabelece distinção lexical, como nos pares *parte* ['partɨ] x *parto* ['partu] e *de* [di] x *da* [da]. Além disso, ele pode exercer uma função gramatical: na distinção de gênero de alguns nomes, como *infante* [ĩ'fɛ̃ti] x *infanta* [ĩ'fɛ̃tɐ]; ou, como um morfema único, correspondendo a uma vogal temática (ou marcador de gênero ou classe, a depender da interpretação), nos exemplos já citados de substantivos e adjetivos terminados em [i]: *quente* ['kɛ̃ti].

Refletir sobre o estatuto fonológico das vogais átonas do PE contemporâneo é importante para compreender o atual estágio do processo de mudança vivido no quadro de vogais átonas do PB. Para concluir, resumem-se as duas principais propostas de interpretação para o vocalismo átono do PE contemporâneo aqui apresentadas:

A primeira proposta, vislumbrada nos trabalhos de Mateus *et alii* (1991; 2000), defende que as vogais reduzidas do PE são apenas variantes posicionais dos fonemas tônicos e, assim, o inventário fonológico do PE atual seria ainda considerado semelhante ao inventário fonológico do PB atual. Segundo essa interpretação, as diferenças entre as duas variedades residem na superfície fonética, por ter o PB uma gama maior de variação das vogais átonas (ou sofrer menos influência do acento da palavra), enquanto o PE é mais regular na sua produção (ou sofre maior influência do acento). A respeito das distinções entre o PB e o PE, Mateus resume a discussão defendendo a existência de um nível subjacente comum às duas variedades da língua e diferentes blocos de regras, que as distinguem no nível superficial.

A segunda interpretação, amplamente detalhada na pesquisa de Veloso (2005; e outras), prevê contextos morfológicos em que [i] estaria integrado à estrutura subjacente do PE, demonstrando assim o estabelecimento de uma mudança fonológica nessa variedade do português. O segmento /i/ seria, nessa visão, um elemento separador entre a variedade brasileira e a variedade europeia do português: a primeira, mais conservadora, sofre um aumento gradual do alteamento das vogais médias e baixas que ainda não é regular em alguns contextos; a segunda, mais inovadora, é regular na realização de vogais altas em todas as sílabas átonas e receptiva a um novo segmento de articulação central no seu inventário fonológico.

## Conclusão

A investigação bibliográfica aqui empreendida comprovou que o comportamento similar nas sílabas átonas do português europeu atual é consequência de um processo de redução vocálica que vem sendo desenvolvido desde antes do período colonial e que, após a implantação do português no Brasil, seguiu diferentes caminhos nas duas variedades.

Como aponta Marquilhas (2003a; 2003b), existem indícios de que as variantes inovadoras [i, u], no vocalismo do PE, e mesmo o apagamento já eram produtivos em todos os contextos átonos desde o século XVII. Por outro lado, em fins do século XVIII, vogais médias ainda variavam com as vogais altas a ponto de serem escolhidas para a descrição de Viana (1892). Assim, os indícios apontam que a regularização do vocalismo átono português com a redução das médias a [i, u] ocorreu muito recentemente.

Ao mesmo tempo, os dados de Lisboa aqui discutidos confirmam, embora sinteticamente, a redução generalizada do vocalismo átono português desde a década de 70 até os dias de hoje. No atual estágio, está estabilizado o alteamento das vogais portuguesas ao lado de produtivo processo de apagamento. Este último fenômeno tem se tornado cada vez mais frequente, segundo os resultados comparativos entre os corpora de 1970 e 2000.

As diferenças fonéticas entre as duas variedades são evidentes, mas, no que tange ao nível fonológico, resta verificar se o sistema vocálico em PB e PE já apresentam configurações diferentes e quais são suas características. Uma interpretação conclusiva não está pronta e continuará sendo discutida em etapas futuras dessa pesquisa. Por ora, é possível refletir sobre duas visões diferentes a respeito do atual estágio do PB: a de Mateus & Andrade defende que o PB e o PE tenham configurações semelhantes fonologicamente com diferenças na realização fonética. A segunda, desenvolvida por Veloso, afirma que a vogal [i] é um elemento integrante do vocalismo português e substituiu a vogal média anterior /e/, que ainda resiste na variedade brasileira. Estas considerações serão fundamentais para uma posterior interpretação do vocalismo postônico não final no português do Brasil.

## Referências bibliográficas

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes. 1970.

BISOL, Leda. A neutralização das átonas. *Revista D.E.L.T.A.*, 19 (2). 2003: 267-276.

\_\_\_\_\_. A Simetria no Sistema Vocálico do Português Brasileiro. *Linguística - Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, vol. 5. 2010. pp. 41-52.

DE PAULA, Alessandra (2010). *Vogais médias postônicas na fala do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FL/UFRJ. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa.

EMILIANO, António. *Fonética do Português Europeu: Descrição e Transcrição*. Lisboa: Guimarães. 2009.

GOMES, Danielle. *Síncope em proparoxítonas: um estudo contrastivo entre o português brasileiro e o português europeu*. Rio de Janeiro: FL/UFRJ. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. 2012.

KIPARSKY, Paul. The Phonological Basis of Sound Change. In: Goldsmith, J. A. (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge: Mss., Blackwell. 1995. pp. 640-670.

LABOV, William. The study of language in its social context. In: \_\_\_\_\_. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1972. p. 183-259.

\_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change*. Vol.1: Internal Factors. Oxford/Cambridge: Blackwell. 1994.

- MARQUILHAS, Rita. *A Faculdade das Letras - Leitura e escrita em Portugal no século XVII*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 1996.
- \_\_\_\_\_. A língua portuguesa no século XVIII: cronologia de fenómenos fonológicos e sintáticos que caracterizavam o Português Europeu da época. Congresso sobre 'O Século das Luzes': a língua portuguesa no século XVIII. Berlim, Humboldt Universidade de Berlim. Abril, 2003a. Digital.
- \_\_\_\_\_. Mudança analógica e elevação das vogais pretónicas. Razões e emoção. Digital. 2003b. p. 1-9 (edição original: In: Castro, I. & Duarte, I. (eds.), *Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, 2. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 2003. p. 7-18).
- MATEUS, Maria Helena Mira. & ANDRADE, Ernesto de. *The phonology of portuguese*. Oxford: University Press. 2000.
- MATEUS, Maria Helena Mira; VIANA, Amália Andrade & VILALVA, Alina. *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta. 1991.
- NARO, A. J. A. História do e e do o em português: um estudo de deriva linguística. In: \_\_\_\_\_. *Estudos diacrônicos*. Petrópolis: Vozes. 1973. p. 9-51.
- PLOAE-HANGANU, Mariana. *Português Contemporâneo: fonologia, vocabulário*. Bucuresti: Universitatea din Bucuresti: Institutul de Linguistica, 1981. p. 43-57.
- TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1982 (edição original: *Histoire de la Langue Portugaise*. Paris: Presses Universitaires de France, 1980).
- VELOSO, João. Considerações sobre o estatuto fonológico de [i] em português. *Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas*, II Série, vol. XXII, pp. 621-632. Porto. 2005.
- VIANA, A. R. Gonçalves. *Exposição da pronúncia normal portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional. 1892.
- VIEIRA, Maria J. B. *Neutralização das vogais médias postônicas*. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.